



Instituto Politécnico de Castelo Branco  
Escola Superior Agrária



# CUIDADOS DE ENFERMAGEM VETERINÁRIA A UMA CRIA DE DONINHA (*MUSTELA NIVALIS*) EM CENTRO DE RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS SELVAGENS

LOPES, I.1; AGUIAR, M.1; SILVEIRA, I.2; CLAUDINO, S.2; FERREIRA, M.3; LOPES, F.3; BRIDA, T.1; MATOS, A.C.1

1 ESA-IPCB ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA DE CASTELO BRANCO, INSTITUTO POLITÉCNICO DE CASTELO BRANCO  
2 FMV-UL FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA  
3 CERAS-QUERCUS CENTRO DE ESTUDOS E RECUPERAÇÃO DE ANIMAIS SELVAGENS, QUERCUS ANCN

## INTRODUÇÃO

A **doninha** (*Mustela nivalis*) é o mais pequeno carnívoro predador e pertence à família dos mustelídeos. (1) A sua dieta consiste maioritariamente em pequenos mamíferos, especialmente roedores, e ocasionalmente inclui ovos de aves, répteis, anfíbios e invertebrados (1). É uma **espécie protegida** (2), cujo estatuto de conservação é Pouco Preocupante (LC) tanto a nível nacional (3) como global (4).

No dia 11 de Março de 2021 foi entregue no **CERAS** (Centro de Estudos e Recuperação de Animais Selvagens) uma cria de doninha, macho, proveniente do concelho de Mora, com aproximadamente **10 dias de vida** (olhos fechados, pelagem completa e peso corporal de 20 gramas). Encontrava-se ativa, embora magra, ligeiramente desidratada (5-6%) e com flutuações da temperatura corporal, detetáveis ao toque.

## METODOLOGIA

A cronologia do esquema de alimentação é apresentada no diagrama:



### ALIMENTO PARA CRIA DE DONINHA

Leite de substituição para gato + alimento complementar (leveduras):

Aquecer à temperatura corporal

1 a 1,5 ml por cada 20g pv / refeição

3 em 3 horas (em 24h)

Para **estímulo da micção**, utilizaram-se compressas humedecidas, aplicadas no sentido do pelo e para **estímulo da defecação**, massagens em movimentos suaves e circulares, na região abdominal.

O pequeno tamanho da cria impediu a **medição da temperatura corporal**, no entanto foi feito um controlo regular por comparação e interpretação da sua atividade. Até atingir 1 mês de vida, foi sempre garantida uma **fonte de calor** para termorregulação e para simular o contacto físico da progenitora.

Apesar de requerer uma observação atenta e cuidados de enfermagem veterinária neonatais, vários esforços foram realizados a fim de evitar o **imprinting** da cria com o ser humano, o qual comprometeria a viabilidade da sua **reintrodução** no meio natural, nomeadamente evitando contacto visual direto e reconhecimento do odor.

## CONCLUSÕES

Comparativamente a crias de mustelídeos criadas em cativeiro neste Centro de Recuperação, é de salientar a rápida transição entre as fases de desenvolvimento: em menos de 3 dias após a abertura dos olhos, com pouco mais de 20 dias de vida, tornou-se autónoma. Uma das maiores exigências na prestação destes cuidados foi corresponder às elevadas necessidades energéticas características desta espécie, que intercala períodos de atividade e de descanso ao longo das 24 horas, de forma a garantir um consumo frequente de alimento (5). Para tal, as alimentações foram intervaladas em 3 horas, tanto de dia como de noite.

Apesar dos resultados do exame coprológico, não foi realizado tratamento antiparasitário, mas antes monitorização do estado de saúde da cria, a qual se manteve assintomática até à libertação, 2 meses após a entrada.

**Os cuidados de Enfermagem Veterinária foram determinantes para o sucesso da recuperação da doninha, tanto a nível físico como social!**

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Campbell, G. (2014). *Mustela nivalis*. Animal Diversity Web. Consultado em 28 de Setembro de 2021. Disponível em [https://animaldiversity.org/accounts/Mustela\\_nivalis/](https://animaldiversity.org/accounts/Mustela_nivalis/)
- União Europeia (1979). *Convenção relativa à Conservação da Vida Selvagem e dos Habitats Naturais da Europa - Convenção de Berna, Anexo III*.
- Cabral, M.J. (coord.), Almeida, J., Almeida, P.R., Delliger, T., Ferrand de Almeida, N., Oliveira, M.E., Palmeirim, J.M., Queirós, A.I., Rogado, L. & Santos-Reis, M. (Eds.). (2005). *Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal* (p. 659). Lisboa: Instituto da Conservação da Natureza.
- McDonald, R.A., Abramov, A.V., Stubbe, M., Herrero, J., Maran, T., Tikhonov, A., Cavallini, P., Kranz, A., Giannatos, G., Krytufek, B. & Reid, F. (2019). *Mustela nivalis* (amended version of 2016 assessment). *The IUCN Red List of Threatened Species*. Consultado em 28 de Setembro de 2021. Disponível em <https://dx.doi.org/10.2305/IUCN.UK.2016-1.RLTS.T70207409A147993366.en>
- Loureiro F. Pedroso N., Santos M. J., Rosalino L. M. (Eds.). (2012). *Um olhar sobre os carnívoros portugueses* (1ª ed.). Lisboa: Carnívora - Núcleo de Estudos de Carnívoros e seus Ecossistemas.

## RESULTADOS

A evolução do peso corporal foi positiva, com um ganho médio diário de 1,21 g/dia. O peso mínimo foi obtido no 4º dia de recuperação no CERAS, numa fase em que foi evidente o crescimento em comprimento, mas a aceitação do leite não foi tão regular. O peso máximo foi alcançado na última pesagem: 95g, um registo próximo dos valores máximos habituais para indivíduos adultos desta espécie. (1)

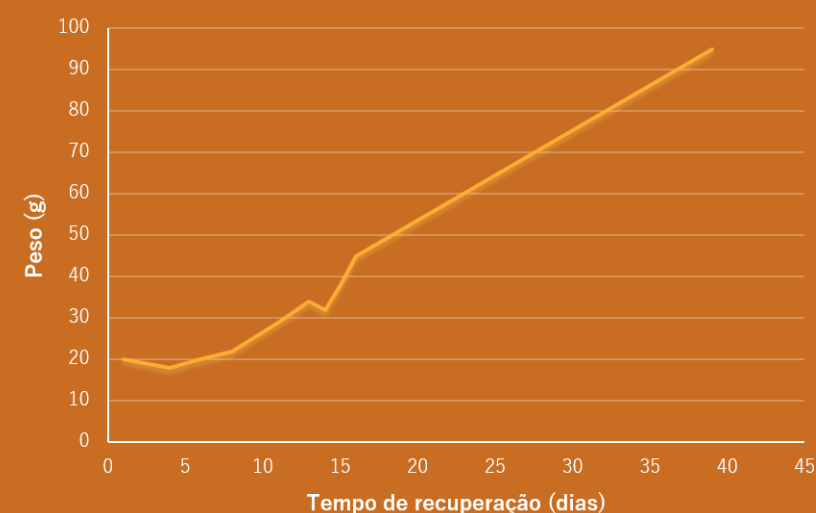


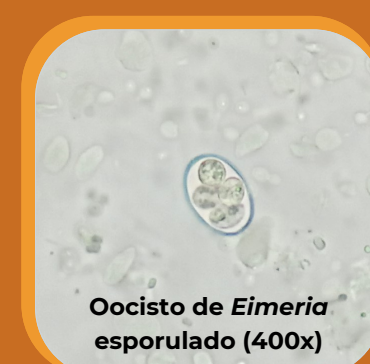
GRÁFICO 1: evolução do peso corporal (g) ao longo do tempo em recuperação (dias)

Os seguintes resultados foram obtidos no seguimento de um exame coprológico de rotina. As fezes foram conservadas por refrigeração e analisadas no Laboratório de Parasitologia da Escola Superior Agrária de Castelo Branco através das técnicas de flutuação de Willis e de sedimentação Dennis-Stone & Swanson.

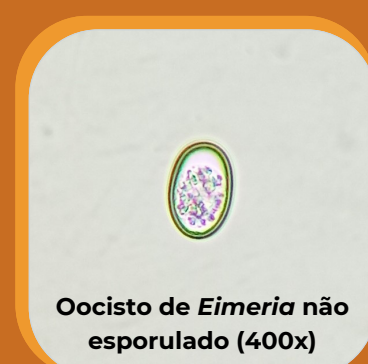
### AMOSTRA DE FEZES 01-04-2021

<i>Eimeria</i> spp.	1800 Opg
<i>Strongyloides</i> spp.	1150 Opg
	50 Lpg

L1



Oocisto de *Eimeria* esporulado (400x)



Oocisto de *Eimeria* não esporulado (400x)



Ovo de *Strongyloides* (400x)



L1 (400x)